

Veto desfavorece professores

05 NOV 2003

Roriz alega que projeto em defesa da saúde vocal deve ser iniciativa do Executivo

BRUNO ARRUDA

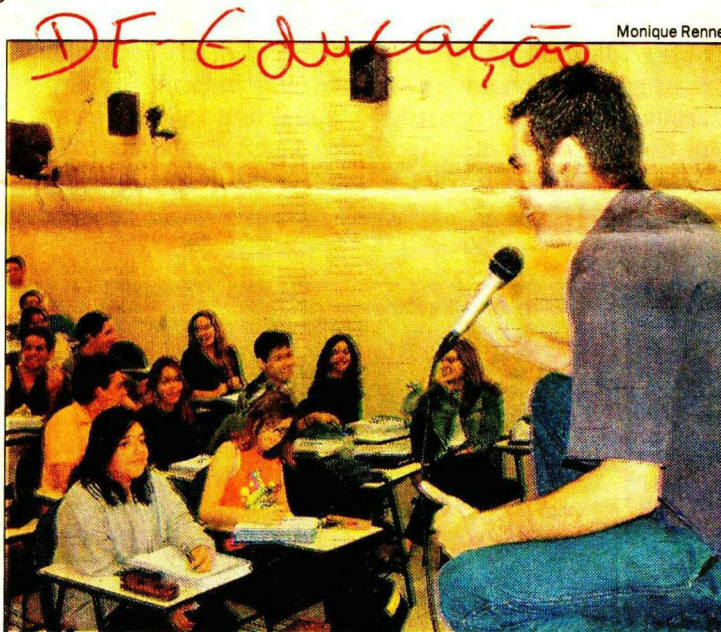
O professor de literatura Guilherme Aguiar, de 38 anos, chegava ao fim do dia rouco, as vezes completamente sem voz. Trabalhando em curso pré-vestibular, sofria com alguns dos sintomas clássicos do uso inadequado da voz quando ela é um instrumento de trabalho essencial – como no caso dos educadores.

– Hoje consigo agüentar graças a uma fonoterapia de um ano a que me submeti – conta.

Um projeto de lei do deputado Chico Floresta (PT), cuja intenção é criar cursos para ensinar professores sobre o uso apropriado de suas cordas vocais foi vetado no início da semana, pelo governador Joaquim Roriz, apesar de aprovado, em agosto, por unanimidade no Plenário da Câmara Legislativa, Roriz alegou que "a proposta não merece prosperar por se tratar de ação do Poder Executivo".

– Parece que o governador gostou muito da idéia e quer apresentá-la como dele. Mas ainda temos esperança de que o veto será derrubado – afirmou Chico Floresta.

Os deputados analisarão o veto ainda hoje para decidir a respeito de sua derrubada ou manutenção: a questão é o sétimo item da pauta do dia.



TRATAMENTO Guilherme perdeu a voz e recorreu à fonoterapia

Cláudia Amaral, diretora do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF), alega que a aprovação da proposta na Câmara seria bem-vinda.

– Se a ação cabe ao Executivo, não se sabe quando ela vai sair do papel – diz a sindicalista

O sindicato assina a pesquisa sobre a qual se baseou o projeto, em que foram ouvidos cerca de 3.200 mestres. De acordo com os números do Sinpro-DF, 47% dos professores da rede pública local apresentam problemas de saúde causados pela atividade profissional, 20% dos quais re-

lacionados à voz. Trata-se do segundo maior mal, atrás apenas do conjunto formado por depressão, stress e síndrome de desistência caracterizado por Cláudia como "desânimo com a profissão".

No entanto, a Gerência de Perícia Médico-Odontológica da Secretaria de Educação do DF contesta esses índices.

De acordo com o gerente Francisco Camilo, dos 28.043 professores da rede pública no DF, pouco mais de 100 têm, comprovadamente, doenças no aparelho vocal.

– Na realidade não é bem as-

sim. Não são todos os doentes que chegam a pedir licença para se tratar. Grande parte dos professores dá aulas e faz tratamento simultaneamente – replica Jane Kátia Quintanilha, vice-presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia.

Ela garante que a maior parte dos profissionais de educação não conhece ou aplica corretamente os cuidados necessários para a preservação da saúde vocal. De acordo com a médica, 85% das consequências negativas do trabalho sobre o aparelho vocal poderiam ser evitadas se os professores tomassem precauções simples como beber bastante água, aquecer a voz antes das aulas e não competir com barulho da sala, por exemplo.

– Alguns indícios de que a voz vem sendo mal utilizada são rouquidão prolongada, cansaço ao falar, perda de potência e falhas na voz. Com apenas 40 horas pode-se ministrar um curso teórico e prático e de grande valor para os professores – ensina Jane.

Tanto a fonoaudióloga quanto o gerente Camilo concordam em um ponto: esse tipo de educação poderia ser incluído na formação profissional dos professores, de forma que não precisasse ser remediado mais tarde.

bruno.arruda@jb.com.br

Pouco mais de 100 professores sofrem das cordas vocais